

**Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP**  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO - DEA  
CURSO: Ciências Econômicas

**ECONOMIA DE COMUNHÃO:**  
UM DESAFIO NO AGIR ECONÔMICO DO HOMEM DO NOVO MILÊNIO

**Maria do Socorro Medeiros, Ms**  
Orientadora

**Mariluce Gama Coêlho**  
maio de 2003

**Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP**  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO - DEA  
CURSO: Ciências Econômicas

**ECONOMIA DE COMUNHÃO:**  
UM DESAFIO NO AGIR ECONÔMICO DO HOMEM DO NOVO MILÊNIO

Monografia apresentada como requisito  
indispensável para a graduação em  
Ciências Econômicas

**Maria do Socorro Medeiros, Ms**  
Orientadora

**Mariluce Gama Coêlho**

MAIO de 2003

O DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO não aprova nem reprova as opiniões emitidas neste trabalho, que são da responsabilidade da autora.

DEDICO ESTE TRABALHO A TODOS QUE FAZEM PARTE DIRETA OU INDIRETAMENTE , DE  
ALGUMA FORMA, DA ECONOMIA DE COMUNHÃO, CONTRIBUINDO ASSIM PARA GERAR E  
DIFUNDIR NO MUNDO UMA NOVA MENTALIDADE BASEADA NO DESEJO DE JESUS  
CRISTO, EXPRESSO NO EVANGELHO: “QUE TODOS SEJAM UM!”

## ***AGRADECIMENTOS***

À vontade, muito antiga, de contribuir, de alguma forma, com a Economia de Comunhão foi o maior elemento motivador deste trabalho, especialmente por acreditar de uma maneira pessoal, que o Projeto EdC é algo visível e real, embora algumas pessoas o classifiquem como utópico. Partindo disso gostaria de agradecer a algumas pessoas que contribuíram e/ou possibilitaram a concretização desse desejo.

À Profa. Ms. Maria do Socorro Medeiros por aceitar ser minha orientadora e encarar comigo essa inovadora “loucura”.

Ao Prof. Ms. Marisan Mariano de Sousa, pelo auxílio, pelas inúmeras dicas e pelos inúmeros “puxões de orelha” que tanto me ajudaram.

À Profa. Ms. Cláudia Satie Hamasaki, por ser um exemplo de dedicação e eficiência profissional a ser seguido, por ser “simplesmente” a *Economista*.

À Márcia Baraúna, do Centro de Estudos da EdC no Brasil, pelas informações, pela incondicional atenção e, sobretudo, pela grande paciência e orações, valeu mesmo!!!

Aos funcionários do Departamento de Economia e Administração da Unicap, Valmir Rocha e Alessandro Douglas, especialmente à Luciana Cintra, Roberta Souto e Mariza Frazão de Medeiros, por toda paciência e atenção com que sempre me trataram e por toda ajuda que me deram, sobretudo em momentos cruciais desse trabalho. Sinto que, em todos esses anos, ganhei bons e inesquecíveis amigos. MUITÍSSIMO obrigada, de coração, a cada um!!!

Aos meus pais Marcos e Marília, especialmente à minha mãe, por todo amor, carinho e compreensão, a mim dedicados, desde o início da minha existência. E aos meus irmãos, Marcílio e Marcelo, por me “agüentarem”.

A verdadeiros “Anjinhos” que apareceram na minha vida como um raio de luz, pelo amor, carinho, atenção, apoio, estímulo, interesse..., sobretudo nessa reta final, como Clara Machado, Clara Noberto e Mariana Noberto, muitíssimo obrigada por TUDO, Mari e Clarinha’s!!! E em particular a uma pessoa super especial, que conheci de uma maneira bem inusitada mas que hoje faz parte da minha vida; a minha maninha querida, Melina Castellace!! De coração, valeu Melzinha!!!!

À Paula Régia, Juliana Fonseca, Beronalda Messias e Clarissa Nunes, por estarem sempre a minha disposição, me ouvindo e me acalmando, particularmente nos meus momentos de maior stress.

Às minhas maninhas paranaenses, paulistas, mineiras, gaúchas, paraenses, pernambucanas, cearenses, alagoanas, baianas, sergipanas, paraibanas..., enfim, todas, pelas orações e pela torcida. Em particular à Melca Sousa, Emanuele Oliveira, Sheila Passos, Jamaica Lyra, Cíntia Miranda, Raphaela Marinho e Ana Renata Santos, pela compreensão e apoio, sempre e em tudo.

À Chiara Lubich, fundadora e atual presidente do Movimento dos Focolares, pessoa iluminada, que recebeu uma inspiração e de onde tudo teve início.

E finalmente, à Deus, início, meio, fim e razão de tudo... O verdadeiro sentido da minha existência.

“EIS A GRANDE ATRAÇÃO DO TEMPO MODERNO: ATINGIR A MAIS ALTA CONTEMPLAÇÃO  
E MANTER-SE MISTURADO COM TODOS OMBRO A OMBRO”

*Chiara Lubich*

## *LISTA DE ILUSTRAÇÕES*

**Tabela 01** Distribuição das empresas que aderiram à EdC no período de 1992 a 2001, **página 34**.

**Tabela 02** Lucros depositados pelas empresas do Brasil, destinados a EdC no período de 1992 a 2002, **página 35**.

**Tabela 03** Números de famílias ajudadas pela EdC de 1992 a 2001, em todo o mundo, **página 36**.

*Tabela 04* Valores das ajudas concedidas pela EdC as famílias necessitadas, por regiões do Brasil, durante o ano de 2001, **página 37**.



## *SUMÁRIO*

<b>Introdução</b>	<b>11</b>
<b>1 – A Visão do Homem na Teoria Econômica Moderna</b>	<b>13</b>
1.1 Adam Smith, o “pai” da Economia Política	13
1.2 Marx e o Capitalismo	16
1.3 Jeremy Bentham: o utilitarismo e a felicidade	18
1.4 Jonh Stuart Mill: a Economia Política e o ‘Homem Econômico’	19
<b>2 – Individualismo, Racionalidade e Auto-Interesse: suas relações com a abordagem ética da Economia</b>	<b>21</b>
2.1 O Auto-Interesse e o Individualismo	21
2.2 O Auto-Interesse e a Racionalidade	22
2.3 A visão smithiana do Auto-Interesse	24
2.4 As abordagens da Economia	25
2.5 O “Desenvolvimento Humano”	27
<b>3 – Economia de Comunhão, uma proposta</b>	<b>28</b>
3.1 Conceito e surgimento	28
3.2 A EdC e seu rápido crescimento: uma retrospectiva	32
3.3 Empresas da EdC e seus relacionamentos	34
3.4 Dados Estatísticos	36
3.5 Exemplos concretos de Empresas que aderiram ao Projeto EdC	39
3.5.1. Eco-Ar – Indústria e Comércio Ltda	40
3.5.2. Prodiel Farmacêutica Ltda	41
3.5.3. La Tunica Confecções Indústria e Comércio Ltda	41
3.5.4. Policlínica Ágape Ltda	42

3.5.5. Espri S.A.	43
<b>4 – Considerações Finais</b>	<b>44</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>46</b>

## Introdução

Nos dias atuais, é possível observar diversos problemas de ordem econômica, política e social. Embora haja progresso econômico, este não consegue atenuar problemas como a fome, a violência, a falta de condições mínimas de sobrevivência, o crescente distanciamento entre ricos e pobres, entre outros. O homem criado à imagem e semelhança de Deus é, então, relegado a uma subcategoria, a uma subvida.

Diante deste cenário surge um projeto inovador, embora de alcance ainda mínimo – dentro do sistema – sustentado e difundido por pessoas que livre e pessoalmente fizeram a escolha de dar o melhor de si pelo bem do próximo. Trata-se do Projeto Economia de Comunhão. A idéia inicial era atingir e solucionar os problemas mais urgentes dos participantes do Movimento dos Focolares<sup>1</sup>, que como praticamente toda população mundial enfrentam várias dificuldades, sobretudo financeiras. Este Projeto consiste em empresas que, agindo de acordo com as leis do mercado buscam satisfazer as necessidades de toda a sociedade, a partir da divisão do lucro em três partes, com as seguintes finalidades: 1-reinvestir na empresa; 2-contribuir para a formação de uma nova mentalidade, onde cada ser humano preocupe-se com seu semelhante; e 3-ajudar as famílias que passam necessidades.

O Projeto Economia de Comunhão prima por atender as necessidades do homem colocando-o como mola propulsora também do agir econômico.

Na literatura pesquisada é possível observar que o homem, como ser econômico, age em busca da sua satisfação de maneira “racional”, tendo sempre o auto-interesse como ponto de partida. Os agentes econômicos que aderem a Economia de Comunhão, no entanto, são movidos por interesses que vão além dos unicamente individuais, embora possuam determinantes, como a maximização dos lucros, que os mantém no universo do auto-interesse.

No presente trabalho, tenta-se fazer uma breve explanação do papel do homem na Economia desde os primórdios, procurando mostrar que a Economia de Comunhão pode

---

<sup>1</sup> Movimento de cunho religioso e civil originado em Trento e presente atualmente em mais de 180 nações em todo o mundo.

encontrar alguma fundamentação teórica nas idéias de alguns pensadores econômicos. Deseja-se também, contribuir para a difusão e partilha das idéias e propostas da EdC<sup>2</sup>.

A Metodologia utilizada consistiu na leitura, estudo, análise e interpretação de parte da literatura existente a respeito da História do Pensamento Econômico, com vistas a encontrar embasamento, na Teoria Econômica, que pudesse explicar e/ou possibilitar a existência de comportamentos como os das empresas que aderem ao Projeto Economia de Comunhão.

Para tanto, foram utilizados os conhecimentos previamente adquiridos pela autora em Monografias, Teses, Publicações e Congressos a respeito da EdC ocorridos e/ou publicados em diversas partes do mundo, bem como nos livros que tratam do assunto, relacionados nas Referências Bibliográficas, publicados em português.

Tendo em vista a distância geográfica, não foi possível efetuar pesquisa de campo, sendo assim o conhecimento exemplificativo foi obtido através de contatos telefônicos e via internet.

O trabalho tem a seguinte estrutura: no capítulo 2 há uma breve retrospectiva das idéias dos pensadores clássicos a respeito do homem na Economia; no capítulo 3 procura-se entender as origens da hipótese de comportamento individualista e auto-interessado tão presente na Teoria Econômica Moderna; por fim no capítulo 4 são apresentadas às idéias principais da Economia de Comunhão e um breve levantamento de casos.

---

<sup>2</sup> Abreviatura de Economia de Comunhão

## 1 - A Visão do Homem na Teoria Econômica Moderna

A Ciência Econômica sempre expressou a pluralidade de tradições que conviveram ao longo de toda a história. Através de seu estudo cria-se a capacidade de compreender as inquietações dos indivíduos de qualquer época em busca de liberdade, igualdade, poder, bem-estar, entre outros.

Este capítulo, procurar entender o papel do homem como ser econômico - através de uma retrospectiva das idéias dos clássicos - numa tentativa de compreender o comportamento econômico do pensamento neoclássico, predominante nos tempos atuais.

### 1.1 Adam Smith, o “pai” da Economia Política.

Adam Smith, mesmo em sua grande obra, *A Riqueza das Nações*, no fundo, sempre demonstrou uma enorme “simpatia” pelos operários, pelos consumidores e pelos trabalhadores da terra, contrapondo-se aos privilégios e à proteção estatal que apoiavam o “sistema mercantil”. Mesmo assim, a maioria dos autores fez dele o apologista da nascente classe industrial capitalista.

Ao contrário dos mercantilistas, que pregavam que desejos egoístas individuais levavam a diminuição de riqueza para todos – considerando assim a troca como um jogo de ‘soma zero’, onde quanto mais alguém tiver menos outro alguém terá - Smith<sup>3</sup>, dizia que o mercado era o lugar onde duas partes se beneficiavam da troca, porque abriam mão de algo que para si tinha menos valor do que o produto recebido em troca. Ele acreditava que todo homem se esforça visando o seu próprio benefício, numa busca árdua e incansável pelo melhor emprego, melhor salário, melhores condições, em atitudes extremamente egoístas, que supostamente o conduziria à satisfação pessoal e plena felicidade, mas que esse esforço resultaria em benefícios para toda a sociedade. Sua visão econômica foi fortemente marcada por questões que permeavam o debate filosófico de sua época como a relação entre paixões individuais e bem comum ou a da crença na existência de leis universais que tudo determinam. Vê-se isso na famosa passagem:

*(...) Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos obter nosso jantar, mas da consideração que se têm pelo seu próprio interesse. Dirigimo-nos, não à sua generosidade, mas ao seu amor próprio, pois nunca os*

---

<sup>3</sup> In: Carneiro, 1997: 24-53 e Napoleoni, 1985

*comovemos pelas nossas necessidades, mas pelas vantagens que eles lograrão.*  
(SMITH)<sup>4</sup>

Nessa passagem, Smith quer evidenciar que o homem durante praticamente toda sua existência necessita da ajuda de seus semelhantes para satisfazer suas necessidades. Segundo Smith, é uma espécie de jogo de trocas, onde cada indivíduo procura mostrar ao outro o quanto é vantajoso para ambos produzir aquilo que o outro necessita.

De acordo com o pensamento de Smith, Deus (ou a natureza) implantou no homem certos instintos entre eles o de “trocar”, visando sempre ganhar mais e subir socialmente. Este desejo leva o trabalhador a poupar, a produzir o que a sociedade precisa e enriquecer a comunidade. Para ele os homens são “naturalmente” assim, e sem intervenção do Governo este processo pode fluir de maneira “natural” mas, não de uma maneira espontânea e sim como um fim que deve ser alcançado. Conforme se pode ver nesse trecho:

*(...) O esforço uniforme, constante e ininterrupto de cada homem para melhorar sua condição, princípio a partir do qual derivam a opulência pública e nacional, assim como também a privada, geralmente é poderoso o suficiente para manter o progresso natural das coisas rumo à melhoria, apesar da extravagância do governo e dos grandes erros da administração.* (SMITH)<sup>5</sup>

Em sua principal obra, *A Riqueza das Nações*, Smith busca uma teoria para explicar o desenvolvimento econômico, a partir da divisão do trabalho, distinguindo o “valor de uso” do “valor de troca”; considerando como sendo coisas diferentes o valor e o preço; e afirmando ser o trabalho “a medida de valor”. Para ele, o preço real de uma mercadoria é o custo humano para obtê-la, como diz no trecho a seguir:

*... o valor de qualquer mercadoria, para a pessoa que a possui (...) é igual à quantidade de trabalho que essa mercadoria lhe dá condições de comprar ou comandar.* (SMITH)<sup>6</sup>

Ainda segundo Smith, em *A Riqueza das Nações*, existe um mecanismo como uma “mão invisível” que faz com que, apesar das decisões tomadas pelos produtores numa economia visem apenas os seus próprios interesses egoístas, se atinja o bem comum.

---

<sup>4</sup> In: Carneiro, 1997:24-53

<sup>5</sup> In: Fufeld, 2001:42

<sup>6</sup> In: Carneiro, 1997:24-53

Já em seu livro intitulado *Teoria dos Sentimentos Morais*, Smith procura nos mostrar que o objeto de todas as percepções morais de qualquer homem está baseado nas ações dos outros homens, na maior ou menor simpatia de cada um deles diante dessas atitudes. Smith afirmava que a simpatia supera até mesmo o egoísmo; um ser humano simpatiza com a felicidade de seu semelhante mesmo sem ganhar nada com isso, como se constata nessas passagens:

*Por mais egoísta que se suponha o homem, evidentemente há alguns princípios em sua natureza que o fazem interessar-se pela sorte dos outros, e considerar a felicidade deles necessária para si mesmo (...) Seja qual for à causa da simpatia, ou do que a provoca, nada nos agrada mais do que observar em outros homens uma solidariedade com todas as emoções de nosso próprio peito; e nada nos choca mais do que aparência do contrário (...)* (SMITH, 1999:5-11)

Ainda de acordo com Smith, em *Teoria dos Sentimentos Morais*, Deus promove a felicidade dos seres humanos, uma vez que estes tendem a procurar agir de acordo com as leis divinas para serem recompensados com a tranquilidade de consciência, contentamento e auto-sustentação.

Tanto num quanto no outro livro, o autor coloca o homem como centro seja da formação moral do ser como pessoa, como no papel do mesmo no pleno e perfeito funcionamento do sistema. A diferença está no resultado desta centralização. Ao contrário do que mostrou em sua primeira obra, *Teoria dos Sentimentos Morais*, Smith em *A Riqueza das Nações*, abandona a “simpatia” como expressão do relacionamento do homem com o outro, passando a ter o individualismo, alicerçado no auto-interesse, como base do comportamento econômico do mercado.

## 1.2 Marx e o “Capitalismo”

Karl Marx surge como um importante pilar construtor da Ciência Econômica; elaborador de uma crítica científica ao capitalismo, em seu mais popular livro, intitulado *O Capital*.

Nesta sociedade injusta e desigual, segundo Marx, havia dois grandes interesses econômicos: os do trabalhador e os do capitalista - sendo os desse último o que em geral prevalecia. Cada uma dessas classes só pode existir às custas da exploração da outra, como ele mesmo diz nesse trecho:

*A história de todas as sociedades existentes até hoje é a história da luta de classes. Homens livres e escravos, patrícios e plebeus, lorde e servo, mestre de corporação e jornaleiro, em uma palavra opressor e oprimido, um mantendo-se em constante oposição ao outro. (...) A moderna sociedade burguesa que germinou das ruínas da sociedade feudal não se livrou do antagonismo de classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das antigas. (MARX)<sup>7</sup>*

Para Marx, o sistema de trocas do mercado tomava o lugar dos sentimentos e das relações humanas, tornando a vida desumana e sem sentido, visto que o trabalhador do capitalismo é separado tanto dos frutos como das ferramentas de produção.

Ao contrário de Smith – que, como foi possível se observar no item anterior, dizia que o valor de uma mercadoria é o custo humano para produzi-la (valor-trabalho) – Marx, defendia que no capitalismo, na verdade, não é pago ao trabalhador o valor total dos bens e serviços que o mesmo produz; o capitalista paga ao trabalhador um determinado salário em troca do máximo de horas de trabalho possível, de forma que estas horas assegurem que o valor do produto de trabalho seja maior do que os salários. Dá-se então assim a exploração do trabalhador, e a diferença – que se converte em lucros para o capitalista - entre salários e preços dos produtos Marx denominou mais-valia.

Segundo esse pensador, o capitalismo era um sistema que possuía dois lados: o da acumulação e crescimento da riqueza, e o da exploração e alienação. Ambos levariam o sistema inevitavelmente a um colapso motivado por argumentos de ordem: *moral* – injustiças sociais e

---

<sup>7</sup> *O Manifesto Comunista*, 1848. In: Fufeld, 2001:83



econômicas; *sociológica* – lutas entre classes; e *econômica* – acumulação de capital nas mãos de poucos. Estes argumentos somados substituiriam o capitalismo pelo socialismo, sistema no qual Marx acreditava que a classe trabalhadora poderia construir uma sociedade nova, mais igualitária.

De acordo com a análise de Marx, o desenvolvimento do capitalismo alicerçava-se em duas grandes forças:

- A luta dos seres humanos para extrair da natureza condições cada vez melhores de subsistência e conforto, empregando para isso todas as ferramentas que dispõem (tecnologia, aprimoramento dos métodos de produção...);
- A luta dos seres humanos entre si para aumentar sua própria riqueza e bem-estar, mesmo sendo às custas da exploração uns dos outros.

Essas forças - provenientes da essência da natureza do homem fruto do capitalismo - eram responsáveis, segundo as idéias marxistas, pela formação de uma sociedade desigual e exploradora, permeada de classes que vivem em constante luta entre si. O capitalismo cria, portanto, condições para uma revolução social, tendo em vista – na concepção de Marx – sua incapacidade de manter o processo de crescimento para a sociedade como um todo.

Karl Marx errou, ao propor a ascensão do socialismo em detrimento do capitalismo, pois nos exemplos que temos de nações não-capitalistas, foram desenvolvidos regimes políticos autoritários que acabaram por levar ao surgimento de novas formas de desigualdades econômicas e sociais, que iam de encontro àquilo que Marx proclamava.

Entretanto, ele nunca descartou o surgimento de uma sociedade superior, através de muita esperança e luta. Pode-se transformar essa previsão, utópica, talvez, em duas perguntas: qual a tendência histórica da acumulação capitalista globalizada? E em que condição corresponderá a uma transição para a propriedade social, a democracia e a igualdade?

### 1.3 Jeremy Bentham: o utilitarismo e a felicidade

O estudo das idéias de Jeremy Bentham, particularmente de sua obra *Princípios da Moral e da Legislação*, são de grande importância na economia clássica, sobretudo para compreender aquilo que ele denominou de princípio da utilidade (ou princípio da maior felicidade)<sup>8</sup> – que mais tarde serviria de base para a Escola Marginalista, principalmente através de William Stanley Jevons.

Bentham, neste livro, procurou mostrar que as atitudes de todo indivíduo visam sua própria, e cada vez maior, felicidade. Todo ato humano, portanto, é válido – ao menos do ponto de vista moral - se busca esse fim.

Abaixo, num trecho sobre o princípio da utilidade<sup>9</sup> de Bentham, pode se perceber – mesmo que apenas superficialmente – como ele retrata a idéia de que as ações humanas seriam baseadas entre dois extremos: a dor e o prazer, ou melhor, na maximização do prazer e/ou minimização da dor:

*A natureza colocou o gênero humano sob o domínio de dois senhores soberanos: a ‘dor’ e o ‘prazer’. Somente a eles compete apontar o que devemos fazer, bem como determinar o que na realidade faremos. Ao trono desses dois senhores está vinculada, por uma parte, a norma que distingue o que é reto do que é errado e, por outra, a cadeia das causas e efeitos.*

Continuando seu pensamento:

*Os dois senhores de que falamos nos governam em tudo o que fazemos, em tudo o que dizemos, em tudo o que pensamos, sendo que qualquer tentativa que façamos para sacudir este senhorio outra coisa não faz senão demonstrá-lo e confirmá-lo. Através das suas palavras, o homem pode pretender abjurar tal domínio, porém na realidade permanecerá sujeito a ele em todos os momentos da sua vida. (BENTHAM, 1979:3)*

Como para Bentham o interesse de cada indivíduo estava estreitamente ligado ao da sociedade – este o compromisso moral de cada ser – e, como cada pessoa busca aumentar sua

---

<sup>8</sup> Bentham agregou esta expressão – substituindo até a utilidade - por acreditar que a palavra “felicidade” retrata com mais clareza do que “utilidade” idéias como dor e prazer.

felicidade e/ou diminuir sua infelicidade, um incremento nas ações individuais maximizariam e/ou minimizariam os benefícios para a sociedade como um todo.

Pode-se pensar que esta idéia é contraditória, visto que, Bentham acreditava que o egoísmo do comportamento econômico era natural, racional e desejável (Fusfeld, 2001:68). No entanto restrições morais e legais, bem como a intervenção estatal – visando harmonizar, mesmo que artificialmente, os interesses – levariam a ação individual a coincidir com o bem-estar público, com a felicidade da maioria.

Em *Princípios da Moral e da Legislação*, ainda, Bentham, faz uma análise do homem como ser moral e social, também de forma prática, dedicando-se à reforma da legislação de acordo com princípios humanos, visando proporcionar à totalidade da sociedade o direito de, livre e democraticamente, alcançar o bem-estar individual e social.

Alguns críticos, entretanto, também avaliam os pensamentos de Bentham sob um prisma de aspectos negativos. Para eles a felicidade – peça essencial do utilitarismo de Bentham – não poderia ser medida de maneira quantitativa (como propunha o benthamismo), visto que, a satisfação que uma determinada coisa pode dar a um indivíduo não necessariamente é a mesma satisfação sentida por outro indivíduo. Em outras palavras, uma duplicação na renda de uma pessoa rica, por exemplo, não traria a esta, a mesma felicidade a que uma pessoa pobre sentiria, pois, esta última, possuindo condições de vida mais simples, teria (segundo esses críticos) um aumento qualitativo maior da sua satisfação pessoal.

#### **1.4 Jonh Stuart Mill: a Economia Política e o ‘Homem Econômico’**

A Jonh Stuart Mill é atribuído, pioneiramente o conceito de ‘homem econômico’ – cuja característica mais importante é o individualismo. E é este tipo de homem que, segundo ele, dá sustentação a Economia Política, sendo esta definida como: “A ciência que trata da produção e distribuição da riqueza na medida em que elas dependam das leis da natureza humana” (MILL,

---

<sup>9</sup> Também expresso como utilitarismo - “princípio que estabelece a maior felicidade de todos aqueles cujo interesse está em jogo, como sendo a justa e adequada finalidade da ação humana, e até a única finalidade justa, adequada e universalmente desejável...” (Bentham, 1979:3)

1979:304) Ou ainda: “A ciência relacionada às leis morais ou psicológicas da produção e distribuição da riqueza” (MILL, 1979:304)

Para Mill a Economia Política – portanto – observa, analisa e considera o homem como um ser **unicamente** empenhado em possuir riqueza, fazendo desta, seu ideal.

No entanto, Mill tinha consciência de que a sociedade, do ponto de vista sócio-filosófico, abriga uma definição de Economia Política bem mais ampla, capaz de considerar o homem como um indivíduo, parte integrante de uma sociedade, e que como tal depende de seus semelhantes.

Nesse contexto, a Economia de Comunhão vem, de certa forma, exemplificar a idéia de que o homem possui na sua essência a necessidade de viver em sociedade e o desejo de fazer toda sua parte para tornar a vida coletiva (e, por conseqüência, a sua própria) melhor, colocando em comum tudo que diz respeito a sua existência como se observa nessa passagem:

quem vive de experiências de comunhão sente “que a própria individualidade adquire sentido, na medida em que entra em relação com alguém”. (BRUNI)<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> In: “Economia de Comunhão – uma nova cultura”. Suplemento da Revista Cidade Nova, Ano III, nº2, novembro/97:15

## 2 – Individualismo, Racionalidade e Auto-Interesse: suas relações com a abordagem ética da Economia

A teoria neoclássica, predominante nos tempos atuais, difunde a idéia de que o auto-interesse é a única motivação humana, e que o comportamento auto-interessado possui dois pressupostos: o individualismo e a racionalidade.

Ao longo dos anos, o valor fundamental que orienta a economia e a ética<sup>11</sup> – a realização dos interesses racionais das pessoas – foi perdendo sua essência, quando o conceito de bem-estar foi reduzido à utilidades, fazendo com que a abordagem ética da economia desaparecesse.

As crises mundiais que se observam hoje em dia, também levam à reflexão de que talvez o comportamento dos agentes econômicos deva ser mais restrito e regulado, no intuito de realizar uma mudança do comportamento individual para um maior compromisso ético e moral.

### 2.1 O Auto-Interesse e o Individualismo

Friederich A. Hayek, em seu livro intitulado *O Individualismo e a Ordem Econômica*, faz uma análise onde define o individualismo inglês como o ‘individualismo verdadeiro’.

Segundo Hayek, o auto-interesse a que os clássicos se referem não é aquele egoísta, determinado apenas pelos interesses próprios de uma única pessoa, mas pelos efeitos que determinadas ações de um indivíduo isoladamente podem provocar na esfera que ele conhece, que é apenas parte de um todo. A utilização da palavra auto-interesse, portanto, foi feita para demonstrar a idéia de que as ações de cada indivíduo serão baseadas naquilo que ele conhece, no seu pequeno ‘mundo’, como nos diz o próprio Hayek:

*Mesmo que ele (o indivíduo) seja completamente egoísta ou o mais perfeito altruísta, as necessidades pelas quais ele pode se preocupar, são uma fração pequena em relação a todas as necessidades da sociedade. (HAYEK)<sup>12</sup>*

---

<sup>11</sup> Ver Sen, 1999.

<sup>12</sup> In: Carneiro, 1997:184-206

De acordo com Hayek, então, o indivíduo faz suas escolhas de acordo com o que ele deseja (ou conhece) acima de tudo - inclusive o bem do outro – que se não for imposto, também é uma decisão individual. Acredita que, a ordem de toda uma sociedade só é atingida com base em um processo individualista.

Para finalizar, Hayek<sup>13</sup>, dizia que as idéias da teoria neoclássica – onde o individualismo anula a possibilidade de um indivíduo tomar decisões que visem o bem-estar da sociedade como um todo, pois ao contrário pode haver restrições nos resultados para o ‘eu’ – excluem certas motivações, visto que para ele (Hayek) o individualismo consiste na liberdade de escolher aquilo que se pensa trazer melhor resultado, independente do que motiva essa escolha.

## 2.2. O Auto-Interesse e a Racionalidade

Supor que todo ser humano age racionalmente equivale a dizer que, o comportamento real se iguala ao racional. No entanto, Amartya Sen – economista indiano, autor do livro *Sobre Ética e Economia*, entre outros - acredita que o comportamento humano nem sempre é – exatamente - racional, embora tantas vezes essa idéia seja difundida.

As idéias de Sen (1999) confirmam o pensamento de que, na teoria neoclássica, a racionalidade está baseada no auto-interesse. Para ele, existem duas maneiras de conceber a racionalidade:

- Como consistência interna,
- Como maximização do auto-interesse.

Com relação à primeira – da racionalidade como consistência interna – acredita-se ser possível explicar o conjunto de escolhas reais como sendo fruto da maximização, através de uma relação binária – que em formulações mais rigorosas poderia ser representada por uma função numérica, a qual pode ser maximizada. No entanto, para Sen, caracterizar a consistência interna de escolha como condição da racionalidade, não é suficiente; visto que, uma escolha racional deve levar em consideração a correspondência entre o que se quer obter e como se busca obtê-lo.

---

<sup>13</sup> In: *O Individualismo e a Ordem Econômica*. Ver Sebok, 1999: 20-23.

Sen também expõe que a idéia de consistência ‘puramente interna’ não pode ser aceita como sendo suficiente, uma vez que as condições externas à escolha (como a natureza de nossas preferências, objetivos, valores, motivações, por exemplo) devem ser observadas na interpretação dessa escolha. Ele diz ainda, que a idéia da racionalidade como consistência interna vem sendo exposta como uma ‘função de utilidade’ da pessoa, meramente; entretanto, isso não agrega nada de novo ao que já foi possível observar, uma vez que a maximização da utilidade não nos diz o que a pessoa está de fato tentando maximizar.

Agora, a segunda maneira de conceber a racionalidade – a racionalidade como maximização do auto-interesse. Ao contrário da primeira, nesta não cabe nenhuma crítica por se fundamentar na idéia de que existe uma correspondência externa entre as escolhas de um indivíduo e seu auto-interesse. Para Sen, a dificuldade dessa abordagem encontra-se no seguinte questionamento: Por que só se considera um comportamento como sendo racional se este visar **apenas** o auto-interesse, com a exclusão de todo o resto? Uma das respostas a essa indagação pode estar no fato de que o auto-interesse é a base do sistema capitalista, e a teoria neoclássica – que tem como fundamentação o comportamento auto-interessado – foi desenvolvida para explicá-lo.

A teoria neoclássica – base da economia moderna – fundamenta-se no individualismo e na racionalidade que, por sua vez, são caracterizados. Sendo assim, é uma tarefa difícil fazer uso dela para analisar um comportamento individual motivado pelo bem-estar social.

Embora alguns modelos estejam sendo elaborados, recentemente, para aprofundar o comportamento altruísta<sup>14</sup>, observa-se que a preocupação com o outro na verdade é concebida com vistas a aumentar a satisfação (ou riqueza) própria e até mesmo diminuir o ‘peso na consciência’.

Alguns economistas, da mesma forma, difundem a idéia de que o próprio altruísmo, heroísmo e/ou preocupação social, pode por vezes, disfarçar o auto-interesse – é o que eles denominam de ‘egoísmo ético’. O indivíduo racional, portanto, age de forma disfarçadamente

---

<sup>14</sup> Ou altruísmo. É o comportamento que segundo a Filosofia, especialmente através de Comte, consiste numa inclinação do homem para o amor ao próximo, para uma preocupação com o outro em oposição ao comportamento egoísta.

benevolente e altruísta visando obter seus próprios interesses, preocupado em ser reconhecido e admirado pela sociedade por conta de seus atos.

Por fim, Sen distingue os aspectos do comportamento auto-interessado em duas questões, que na verdade foram atribuídas a Adam Smith<sup>15</sup>:

- O indivíduo comporta-se, realmente, de modo exclusivamente auto-interessado?
- E, agindo assim, ele alcançaria algum êxito como, por exemplo, eficiência<sup>16</sup> de qualquer tipo?

### 2.3 A visão smithiana do Auto-Interesse

Como se pode observar no capítulo 2, Adam Smith, foi um pensador fundamental na origem da Economia, e agora tentaremos expor seus pensamentos a respeito do auto-interesse.

Smith dizia que muitas das atitudes de um indivíduo realmente são auto-interessadas e que algumas delas até conduzem a bons resultados, através daquilo que ele mesmo denominou de troca mutuamente vantajosas. No entanto, ele não deu ao auto-interesse uma importância maior do que o mesmo merecia<sup>17</sup> na explicação dessas vantagens, embora muitos admiradores tenham feito dele um grande defensor do auto-interesse<sup>18</sup>.

Para Sen, o descaso dado à análise ética dos sentimentos e do comportamento, de Smith, podem mostrar o quanto o desenvolvimento da Economia moderna se distanciou da ética. O ‘esquecimento’ da abordagem smithiana sobre ética e sociedade – com observações sobre miséria, necessidade de simpatia, normas de conduta e considerações éticas – fez com que esta (abordagem) caísse em desuso.

### 2.4 As abordagens da Economia

---

<sup>15</sup> Embora haja poucos indícios de que ele acreditasse nelas

<sup>16</sup> “As duas principais definições de eficiência empregadas em economia são, respectivamente: (1) ‘eficiência técnica’, segundo a qual é possível gerar mais de um determinado produto sem produzir menos de algum outro (considerando os insumos como produtos negativos), (2) ‘eficiência econômica’, identificada como ‘otimalidade de Pareto’, condição na qual ninguém pode melhorar seu estado sem piorar o de alguma outra pessoa” (Sen, 1999:37).

<sup>17</sup> O interesse dado existia apenas para explicar como Smith acreditava funcionar as transações normais de mercado (trocas mutuamente vantajosas), e por que e como funcionava a divisão do trabalho. (ver Sen, 1999: 38-44)

<sup>18</sup> Nesse aspecto Smith foi mal interpretado, especialmente por defensores do comportamento auto-interessado que buscaram nele apoio para suas idéias (ver Sen, 1999:44)



Em *Sobre Ética e Economia*, Amartya Sen, apresenta duas origens da Ciência Econômica, as quais – segundo ele – estão relacionadas à política, porém de formas diferentes; de um lado há uma preocupação com a ‘ética’ e do outro com o que ele denomina de ‘engenharia’.

A abordagem ligada à ética se baseia em Aristóteles, que considerava a política como sendo “a arte mestra” que utiliza as demais ciências (entre elas a Economia) com o objetivo de satisfazer unicamente o bem do homem. Como se observa:

*A vida empenhada no ganho é uma vida imposta, e evidentemente a riqueza não é o bem que buscamos, sendo ela apenas útil e no interesse de outra coisa.*  
(ARISTÓTELES)<sup>19</sup>

Portanto, segundo Aristóteles, embora a Economia se preocupe com a busca da riqueza, esta deve estar em função do objetivo maior que é o bem humano.

Esta abordagem<sup>20</sup> mostra que a motivação humana está estreitamente ligada à questão ética, porém dando a noção de que as pessoas agirão da maneira que elas próprias defendem moralmente<sup>21</sup>; e que o desempenho da organização social, por sua vez, está relacionado à finalidade de alcançar o bem para o homem, mas não um único homem e sim o conjunto da sociedade<sup>22</sup>. Como diz o famoso filósofo:

*Ainda que valha a pena atingir esse fim para um homem apenas, é mais admirável e mais divino atingi-lo para uma nação ou para cidades-Estados.* (ARISTÓTELES)<sup>23</sup>

A outra origem da Economia - relacionada à abordagem da ‘engenharia’ – advém, segundo Sen, de diversas direções, inclusive de alguns engenheiros como Leon Walras. Ela caracteriza-se por discutir primordialmente questões logísticas, especificando as questões das motivações humanas em termos simples e as considerações éticas como pouco importantes na análise do comportamento humano.

Ao longo dos anos a abordagem da ‘engenharia’ foi se tornando dominante e a natureza da Economia moderna empobrecida pelo crescente distanciamento entre Economia e ética, como Sen afirma nesse trecho:

<sup>19</sup> *Ética a Nicômano*. Versão em inglês de ROSS, 1980, I.1-I.5:1-7. In: Sen, 1999:19

<sup>20</sup> A abordagem referida é a abordagem ética.

<sup>21</sup> Concepção da motivação relacionada à ética (ver Sen, 1999:20).

<sup>22</sup> Concepção da realização social relacionada à ética (ver Sen, 1999:20).

*“...não estou afirmando que a abordagem da Economia tem que ser improdutivo. Mas gostaria de mostrar que a Economia, como ela emergiu, pode tornar-se mais produtiva se der uma atenção maior e mais explícita às considerações éticas que moldam o comportamento e o juízo humanos. Não é meu intuito descartar o que foi ou está sendo alcançado, e sim, inquestionavelmente, exigir mais”. (SEN, 1999:25)*

Com isso, Sen quer estimular a reflexão de que, a Economia, o mundo, podem se tornar melhores se uma maior atenção for dada ao ser humano como pessoa, possuidora de necessidades, desejos e sentimentos.

---

<sup>23</sup> *Ética a Nicômano*. Versão em inglês de ROSS, 1980, I.2:2. In: Sen, 1999:20.

## 2.5 O “Desenvolvimento Humano”

Nos últimos anos acompanha-se no mundo uma emergente discussão a respeito de “desenvolvimento”, particularmente no que diz respeito ao crescimento da economia mundial. Todos concordam que o desenvolvimento é o centro da vida econômica, é a finalidade do agir econômico, é o objetivo da atividade econômica.

Neste contexto, Amartya Sen,<sup>24</sup> coloca em destaque um novo conceito de desenvolvimento: o desenvolvimento humano. Este concentra seu conceito de desenvolvimento sobre as pessoas, sobre suas necessidades, suas condições de vida... - ao contrário do desenvolvimento visto unicamente como crescimento econômico.

O desenvolvimento humano deveria ser o fim e objetivo central de todas as medidas econômicas, no entanto choca-se com uma práxis econômica que privilegia a afirmação radical do ‘eu’ agente e impulsiona para uma política consumista irracional e desastrosa, para o homem, o ambiente e o ecossistema.

Observando tudo isto se pode perceber que para enfrentar de forma eficaz esse problema, é necessário que o próprio conceito de desenvolvimento humano nasça de uma nova concepção antropológica, do surgimento de um homem novo, capaz de modificar as suas atuais dimensões de produtor e consumidor, capaz de exercer o dom e a partilha nas atividades econômicas.

Obviamente esse tipo de sociedade contrasta com a sociedade atual. As modificações que vêm ocorrendo no mundo, a chamada modernidade, abriram caminho para o individualismo, o egoísmo, a busca excessiva do ter cada vez mais, a realização do seu próprio interesse.

---

<sup>24</sup> Ver site: <http://www.focolares.org.br>. Última consulta: 31/08/2001.

### 3 - Economia de Comunhão: uma proposta

Diante de tantos problemas econômicos no mundo contemporâneo, encontrar na ciência a solução para tantas adversidades é um dos mais poderosos desafios dos tempos modernos.

#### 3.1 Conceito e surgimento

Neste cenário surgiu o projeto Economia de Comunhão - um projeto ousado, ainda embrionário, mas de âmbito mundial, lançado no ano de 1991, em São Paulo, por Chiara Lubich<sup>25</sup>, fundadora e atual presidente de um movimento de cunho religioso e social presente em quase 200 nações no mundo inteiro, o Movimento dos Focolares<sup>26</sup>. A idéia central desta nova proposta é a seguinte:

*(...) Sob o impulso da comunhão<sup>27</sup>, deveriam surgir aqui indústrias, empresas. Empresas de tipos variados, organizadas por pessoas de todo Brasil. Deveriam nascer sociedades empresariais das quais todos tivessem a possibilidade de participar, ainda*

<sup>25</sup> Chiara Lubich, nasceu em Trento, Itália, em 22 de janeiro de 1920. Em 1943, juntos com algumas companheiras, deu início a uma experiência que mais tarde origem ao Movimento dos Focolares. Já foi contemplada, entre outros com o Prêmio UNESCO para educação à Paz (Paris); e em diversas universidades do mundo, títulos de Doutor 'Honoris Causa' inclusive em Economia – na Universidade de Piacenza (Itália) e na Universidade Católica de Pernambuco (1998) - e em Ciências Sociais – na Universidade Católica de Lublin (Polônia).

<sup>26</sup> O Movimento dos Focolares (MF), fundado e presidido por Chiara Lubich, teve início em 1943, em Trento, no norte da Itália. Atualmente está difundido em 198 países dos cinco continentes e conta com a participação de 4 milhões de pessoas, sendo dessas 12 mil no Brasil, distribuídas nos 18 setores que compõem sua estrutura organizacional. É de natureza leiga, embora não se exclua a participação de sacerdotes, religiosos/as e de bispos. A presidência (leiga e feminina) sob o aspecto jurídico, é considerada inovadora no âmbito eclesial. O aspecto comunitário predomina na configuração da sua espiritualidade e nas atividades que lhe são peculiares: fortalecer a unidade no interior da catolicidade, construir a unidade entre os cristãos de várias Igrejas (atualmente são 300 as que tem contato estreito com o Movimento), estabelecer diálogos com fiéis de outras religiões (destaca-se o trabalho realizado no âmbito do islamismo, judaísmo, budismo, dentre outros) e com pessoas sem vinculação religiosa (ver Sebok, 1999:48).

<sup>27</sup> A comunhão aqui retratada é a 'comunhão de bens', uma prática vivenciada pelas pessoas que partilham do espírito existente no Movimento dos Focolares, que procuram se espelhar da melhor maneira possível na comunhão de bens vivida pelos primeiros cristãos, de quem está escrito: "eram um só coração e uma só alma" e "tinham tudo em comum..." e por isso "não existia necessitado algum entre eles" (cf. At 2, 42-45; 4, 32-35). De forma concreta, significa colocar à disposição tudo aquilo que se possui, e que se julga 'supérfluo', daqueles que têm necessidade. Desde o início, não se tratava apenas de desfazer-se dos bens, nem de simplesmente doa-los, limitando-se à isso. Praticar-se uma partilha contínua, sistemática e organizada, estimulada pelo desejo ardoroso de viver as palavras do Evangelho de um modo nem intimista e tampouco carnal. Esta comunhão não se restringe a apenas os bens materiais, é o resultado concreto de uma cultura da disponibilidade e da solidariedade, de modo que num intercâmbio construtivo e fraterno evidencia-se uma comunhão de propósitos, de tempo, de capacidades e até das próprias necessidades (se for o preciso). (ver Economia de Comunhão, Cadernos Humanidade Nova. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP).

*que modestamente, mas de forma muito difusa. A gestão de tais empresas ficaria a cargo de pessoas competentes, capazes de fazê-las funcionar com a máxima eficiência e lucratividade. A novidade seria essa: o lucro seria colocado em comum. Deveria nascer assim uma economia de comunhão na liberdade<sup>28</sup> (...) Queremos que o lucro seja colocado em comum livremente. Com qual finalidade? A mesma das primitivas comunidades cristãs: ajudar os que passam necessidades, oferecendo-lhes condição de melhoria de vida e possibilidade de emprego. Depois, obviamente, incrementar a própria empresa. E, por fim, desenvolver as estruturas desta pequena cidade<sup>29</sup> visando a formação de ‘homens novos’, cuja vida seja motivada pelo amor cristão, porque sem ‘homens novos’ não se faz uma sociedade nova.... (LUBICH, Chiara. Discurso pronunciado<sup>30</sup>, na Mariápolis Araceli<sup>31</sup> – Vargem Grande Paulista/SP em 29 de maio de 1991)*

De acordo com a proposta da EdC<sup>32</sup> o homem deve estar no centro da Economia. A Ciência Econômica que se conhece também prima por isso. A diferença está na maneira de como esta centralização é feita. Para o sistema capitalista existente os meios de produção, os produtores, os consumidores, o Governo..., devem trabalhar para satisfazer as necessidades humanas, mas de uma maneira exploradora, consumista; onde não importam os meios, nem “por cima de quem tem que se passar”, a única coisa que importa é ter cada vez mais. LUBICH, comparando os princípios da EdC com os da Economia capitalista, afirma:

*(...) Ao contrário da economia consumista, baseada na cultura do ‘ter’, a Economia de Comunhão é a economia da partilha. Isso pode parecer difícil, árduo, heróico. Mas não é assim, pois o homem, criado à imagem de Deus, que é Amor, encontra a sua realização justamente no amor, na partilha. Esta exigência reside no mais íntimo do seu ser, quer ele tenha fé ou não. E é nesta constatação que está a esperança de uma difusão universal da ECONOMIA DE COMUNHÃO... (LUBICH, Chiara)<sup>33</sup>*

<sup>28</sup> A idéia de liberdade utilizada na Economia de Comunhão não é baseada no seu significado do senso comum, ou seja, “fazer ou não fazer” uma determinada coisa, mas sim, segundo Chiara Lubich, o “significado é mais profundo, indicado pelo próprio contexto em que se coloca a EdC, a saber: uma adesão consciente e livre”. (Lubich, Chiara. A Economia e o Trabalho. Editora Cidade Nova, São Paulo, 1985).

<sup>29</sup> Cidadezinha, também conhecida como Mariápolis, chamada assim por ser estruturada como uma cidade com suas atividades de trabalho, escola, etc. A sua característica é que a maioria das pessoas que lá moram procuram viver os princípios e valores que fundamentam o, já referido, Movimento. Em razão das suas características, no decorrer dos anos, esses ambientes são qualificados de diversas maneiras: ‘cidade miniatura’, ‘centro de irradiação e formação’, ‘esboço de convivência’ e ‘cidade-escola’. (ver Sebok, 1999:49)

<sup>30</sup> In: Baraúna, 2000:335.

<sup>31</sup> Hoje chamada de Mariápolis Ginetta, é uma das ‘cidadeszinhas’, acima descritas, que foi constituída com intenção de se tornar uma expressão típica do Movimento dos Focolares, centralizando - do ponto de vista da estrutura organizacional - o mesmo, a nível Brasil.

<sup>32</sup> Abreviatura de Economia de Comunhão.

<sup>33</sup> Extraído do documentário-entrevista ‘Por uma Economia de Comunhão’, gravado em Rocca di Papa, Roma, novembro de 1991. (ver Costa, 1998, pp.7)

Chiara Lubich, propõe, portanto, uma *cultura do dar* capaz de satisfazer completamente às necessidades de todos os seres humanos. Mas não um “dar” qualquer, visto que nem todo o “dar” leva a *cultura do dar*. Existe o “dar” que busca apenas a satisfação pessoal de quem dá; existe o “dar” imbuído do desejo de domínio sobre quem recebe; existe também o “dar” com vista à obtenção dos próprios interesses. O “dar” que Chiara Lubich cita é um “dar” que os cristãos chamam de evangélico. Como se observa no trecho abaixo:

*(...) Um ‘dar’ que se abre ao outro – indivíduo ou povo - e busca-o respeitando a sua dignidade. Esta inclui usos, costumes, cultura, tradições, etc. É, portanto, expressão do nosso ser mais profundo. (ARAÚJO, 1998:20)*

De acordo com alguns filósofos “a vasilha do ter, dos homens, nunca está cheia”; sempre que satisfazem alguma necessidade, aquela que julgam mais urgente, arranjam uma outra, que talvez até antes julgavam supérflua; mudam sequencialmente seu objeto de desejo, pensando egoisticamente somente em si.

Para tanto, de acordo com as idéias da EdC, faz-se necessário o surgimento de ‘homens novos’ – indivíduos movidos pelo espírito da comunhão e solidariedade, capazes de criar uma nova sociedade, embasada na ‘cultura do dar’ em contraposição a tão difundida ‘cultura do ter’. Conforme é possível ver no trecho:

*“A Economia de Comunhão suscita ‘um sobressalto de consciência’ psicológica e moral: de uma práxis que restringe a atividade econômica à mera relação material, baseada no egoísmo racional, que reduz o aspecto humano tanto quanto – se não mais – a falta de liberdade e de cultura intelectual, a um crescimento da humanidade justamente através do âmbito econômico, liberando as mais profundas energias do homem”. (SORGI, Tommaso)<sup>34</sup>*

A EdC surge exatamente em contrapartida ao modo de pensar e agir egoisticamente. O homem no centro da Economia deve existir de maneira comunitária. Isso não quer dizer que o sistema proposto é o socialismo. Ao contrário, no capitalismo tem-se a maneira de produzir para a obtenção de lucros cada vez maiores, com a minimização das despesas, otimização dos resultados... A diferença está no modo em como esses lucros são divididos e obtidos. Ao invés de uma bruta exploração do trabalhador, onde o empresário autoritariamente dita regras a serem seguidas; um relacionamento aberto, respeitando-se obviamente a hierarquia de empresa. Ao

invés da obtenção do lucro destinada apenas ao proprietário da empresa, uma distribuição em três partes, conforme proposta diz abaixo:

*O projeto Economia de Comunhão na Liberdade surge como uma prática econômica baseada na constituição de unidades produtivas que têm por objetivo central, além de gerar emprego e renda, realizar a distribuição do lucro segundo três finalidades: 1. Reinvestir na atividade produtiva de modo que ela se mantenha economicamente viável; 2. Patrocinar a formação humana<sup>35</sup> a fim de fortalecer a matriz cultural que lhe dá respaldo; 3. Ajudar pessoas em situação de pobreza, inicialmente no âmbito do Movimento dos Focolares. (BARAÚNA, 2000:337)*

O “destinatário” do lucro, acima citado, não é um ser alheio ao projeto. Ao invés disso, é um sujeito ativo que coloca em comum suas necessidades, concretizando uma prática bem comum no âmbito do Movimento dos Focolares, desde seus primórdios: a comunhão, que é talvez a única solução para extinguir a racionalidade capitalista.

Voltando ao pensamento de Smith em seu livro *Teoria dos Sentimentos Morais*, o homem direciona todas suas atitudes espelhando-se nos outros, no que sentiria se estivesse no lugar do outro, em como reagiria diante de determinadas situações. Os seres humanos são dotados da capacidade de alegrar-se com a felicidade do próximo do mesmo modo que se penalizam e até sofrem com o sentimento alheio. Ainda de acordo com Smith, o homem é mais atraído justamente pelo sofrimento do que pela alegria ao seu redor, no que diz respeito à sensibilização com os sentimentos daqueles que lhe rodeiam. Então, pode-se constatar que no fundo, desde sempre o homem se preocupa com o bem-estar de seu semelhante, mesmo que às vezes seja de forma inconsciente.

O desafio contemporâneo é a criação de um modelo de desenvolvimento, realmente centrado no ser humano, através da construção de uma cultura de cooperação e parceria que tem suas raízes na própria essência do homem e da Economia, uma vez que essa ciência nasceu (a partir da Filosofia) justamente com intuito de satisfazer todas as necessidades do homem.

### **3.2 A EdC e seu rápido crescimento: uma retrospectiva**

---

<sup>34</sup> Disponível na internet no site: <http://www.focolares.org.br>. Última consulta: 31/08/2001.

<sup>35</sup> Essa formação humana proposta visa o “desenvolvimento a partir do amadurecimento das condições físicas, mentais, afetivas, estéticas e lúdicas”. (Baraúna, 2000:336)

Como se pode ver, o projeto surgiu no Brasil, mas a idéia se propagou por todo o mundo, estando presente atualmente em aproximadamente 40 países e contando com a adesão de em mais de 760 empresas, as quais são de diversos tipos de constituições jurídicas e agregam vários tipos de setores<sup>36</sup>.

No início eram cerca de 240 empresas, que mesmo dispendo de pouco capital resolveram ousar e acreditaram no Projeto, ou que nasceram para concretizá-lo<sup>37</sup>.

Até 1993, diante de algumas adversidades como: falta de crédito; baixo capital de giro; inexperiência no âmbito comercial, administrativo e/ou financeiro; algumas empresas não obtiveram êxito, porém estas correspondem a apenas 14% do total de coligadas ao Projeto<sup>38</sup>.

A partir de 1994, a maioria das empresas consegue se estabilizar e alcançar melhores resultados. Assim, a EdC começa a se consolidar como uma proposta viável, sustentada por exemplos concretos<sup>39</sup>.

Em 1995, são iniciadas as análises para a criação de outros pólos industriais para abrigar algumas empresas ligadas a EdC, ao mesmo tempo em que o Projeto começa a tomar corpo nos meios acadêmico e cultural.<sup>40</sup>

Para aprofundar os fundamentos, bem como partilhar idéias e experiências, acontecem cada vez mais encontros, reunindo integrantes do Projeto e interessados em conhecê-lo<sup>41</sup>.

Mesmo em meio às dificuldades econômicas mundiais, do ano de 1996 em diante, verifica-se um crescimento significativo do Projeto<sup>42</sup>.

O ano de 1997 é marcado pelo lançamento de uma carta de princípios de gestão empresarial com vistas a formalizar uma união mais estreita entre as linhas da EdC e as idéias

---

<sup>36</sup> Fonte: Escritório Central da EdC – São Paulo/Brasil. (ver mais detalhes no item 4.4, páginas: 33-36).

<sup>37</sup> Ver Baraúna, 2000: 338-344.

<sup>38</sup> Ver Baraúna, 2000: 338-344.

<sup>39</sup> Ver Baraúna, 2000: 338-344.

<sup>40</sup> Chiara Lubich recebe um título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Lublin, na Polônia.

<sup>41</sup> Ver Baraúna, 2000: 338-344.

<sup>42</sup> Ver Baraúna, 2000: 338-344.



típicas de um empreendimento. Por conseqüência surgem algumas espécies de comissões regionais para acompanhar mais de perto as empresas de cada região.<sup>43</sup>

Começa o ano de 1998 e alguns acontecimentos, sobretudo em nível acadêmico e cultural, provocam um fortalecimento do Projeto<sup>44</sup>. São eles:

- Chiara Lubich é convidada a falar na USP<sup>45</sup> e na PUC-SP<sup>46</sup> sobre a EdC (BARAÚNA, 2000:342);
- Chiara Lubich recebe o título de Doutor Honoris Causa em Economia na Universidade Católica de Pernambuco;
- O Projeto EdC é apresentado na Assembléia Legislativa Federal, em Brasília.

As primeiras reflexões teóricas sobre o Projeto que, futuramente – talvez - venham a embasar uma ‘teoria econômica de comunhão’ são apresentadas em 1999, na Universidade Católica de Piacenza, na Itália, a mesma que concede a Chiara um título de Doutor Honoris Causa em Economia<sup>47</sup>.

Já em 2001 a EdC completa 10 anos e é realizado um Congresso Internacional, em Roma/Itália – com a participação de empresários, estudiosos, trabalhadores, autoridades e participantes diretos e/ou indiretos da EdC – que fazem um balanço de uma década de Projeto, bem como traçam metas para avaliar perspectivas para o futuro.<sup>48</sup>

### **3.3 Empresas da EdC e seus relacionamentos**

---

<sup>43</sup> Essas comissões são até hoje organizadas – do ponto de vista funcional - de acordo com a estrutura do Movimento dos Focolares e composta de empresários, estudiosos e/ou profissionais de áreas afins que se dedicam mais particularmente a tudo que diz respeito a EdC em determinada região.

<sup>44</sup> Ver Baraúna, 2000: 338-344.

<sup>45</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>46</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>47</sup> Ver Baraúna, 2000: 338-344.

<sup>48</sup> Ver Revista Cidade Nova, maio/2001.

Um dos maiores diferenciais das empresas que aderem ao projeto Economia de Comunhão está na construção de relacionamentos, seja internamente, entre trabalhadores e empresários ou externamente entre empresas, clientes e fornecedores.

As unidades produtivas adquirem, portanto, um papel essencial na formação do ser humano como pessoa, independente de suas lutas pessoais para a obtenção de seus próprios interesses. Cada indivíduo passa a sentir o que realmente é: peça imprescindível na realização do processo produtivo. Estas empresas lutam, portanto, para ajudar transformar a economia e toda sociedade, a passar da cultura do ter para a cultura do dar, começando pelo dar de si mesmo.

### **Empresários – Trabalhadores – Empresa**

Diferente de tantas outras empresas, as que aderem à Economia de Comunhão possuem o homem em seu centro, ao invés do capital. Os responsáveis por estas (empresas) elaboram estratégias, planos econômicos que as levem a atingir sua finalidade: produzir lucros, só que proporcionando uma gestão correta com a participação de **todos os membros** da empresa inclusive nas decisões dos objetivos empresariais.

Objetivam proporcionar, também dentro da empresa, uma boa qualidade de vida com condições de trabalho adequadas ao tipo de atividade que se exerce: respeito às normas de segurança, ventilação e iluminação apropriada, nível tolerável de ruído... As horas extras também são evitadas e as férias devidas sempre concedidas.

Visando, ainda, transformar a empresa numa comunidade, são estabelecidos relacionamentos interpessoais de ajuda recíproca, respeito e confiança, onde se torna natural colocar à disposição, livremente, os próprios talentos, idéias e capacidades, em benefício do crescimento profissional dos colegas e do progresso da empresa.

Por fim, a empresa toma as devidas providências para não danificar o meio ambiente e para economizar energia e reservas naturais, evitando desperdícios e agressões. E os funcionários, por sua vez, fazem o máximo para manter os locais de trabalho limpos, organizados e agradáveis, proporcionando, assim, a todos (patrões, empregados, fornecedores e clientes) um ambiente harmonioso, condizente com a proposta que desejam difundir.

### **Empresário x Clientes, Fornecedores, Sociedade Civil e Terceiros**

Os membros das empresas trabalham com profissionalismo, esforçando-se para oferecer bens e serviços úteis, de qualidade e a preços justos, e construir boas e sinceras relações com os clientes, com os fornecedores e com a comunidade, orgulhosos de servirem a todos da melhor maneira possível.

É assim também com seus concorrentes, com os quais buscam um relacionamento leal mostrando-lhes a efetiva qualidade de seus produtos ou serviços, e privando-se de ressaltar os defeitos dos produtos dos outros.

Tudo isso contribui para um enriquecimento da empresa de um capital não material, constituído de relacionamentos de estima e confiança, que contribuem para um desenvolvimento econômico menos sujeito à variação de mercado.

### **Empresas x Ética**

A empresa respeita as leis e mantém um comportamento eticamente correto perante as autoridades fiscais, os sindicatos e as organizações institucionais.

Age da mesma forma com seus funcionários, dos quais espera semelhante comportamento.

Com relação à qualidade de seus produtos e serviços, esforça-se não só para respeitar os próprios deveres de contrato, como também avaliar os reflexos objetivos da qualidade da sua produção no bem-estar dos consumidores.

O trabalho da empresa é, portanto, promover o crescimento também o crescimento espiritual de seus membros.

## **3.4 Dados Estatísticos**

Abaixo, na Tabela 01 que apresenta a evolução das empresas que aderiram a EdC em termos quantitativos.

### **Tabela 01 – Distribuição das Empresas<sup>49</sup> que aderiram a EdC no período de 1992 a 2001.**

---

<sup>49</sup> Estão incluídas as empresas e atividades econômicas menores que também compõem a EdC.

<i>Continentes</i>	<i>1992</i>	<i>1993</i>	<i>1994</i>	<i>1995</i>	<i>1996</i>	<i>1997</i>	<i>1998</i>	<i>1999</i>	<i>2000</i>	<i>2001</i>
<b>Europa</b>	132	161	208	336	430	448	477	478	469	481
<b>Ásia</b>	10	19	23	23	32	37	35	36	38	40
<b>África</b>	-	01	02	06	14	11	15	11	13	09
<b>América</b>	99	144	166	184	220	244	220	221	217	224
<b>Austrália</b>	01	03	03	05	07	07	07	15	15	15
<b>Total</b>	<b>242</b>	<b>328</b>	<b>406</b>	<b>554</b>	<b>703</b>	<b>747</b>	<b>754</b>	<b>761</b>	<b>752</b>	<b>769</b>

\*Fonte: Comissão Mundial da Economia de Comunhão – Roma/Itália

Analisando a Tabela 01, nota-se um rápido crescimento, especialmente na Europa e nas Américas, pois estes continentes são constituídos por países onde existem os maiores números de membros do Movimento dos Focolares.

Na Tabela 02, a seguir, é possível ver os números que indicam o quanto as empresas brasileiras tem contribuído com seus lucros para a EdC desde o lançamento do Projeto Economia de Comunhão.

**Tabela 02 – Lucros realizados pelas empresas do Brasil, destinados a EdC no período de 1992 a 2002.**

<i>Anos</i>	<i>R\$</i>	<i>US\$<sup>50</sup></i>
<b>1992</b>	26.324,00	17.094
<b>1993</b>	34.784,00	22.587
<b>1994</b>	24.774,00	27.109
<b>1995</b>	69.848,00	71.439
<b>1996</b>	96.855,70	99.727
<b>1997</b>	71.967,06	71.967
<b>1998</b>	59.164,06	50.627
<b>1999</b>	73.024,02	48.363
<b>2000</b>	85.835,56	44.432
<b>2001</b>	130.802,29	61.324
<b>2002</b>	139.837,83	51.475

\*Fonte: Escritório Central da EdC – São Paulo/Brasil

Observa-se na Tabela 02 que nos primeiros anos após o lançamento do Projeto houve um grande aumento nos valores, explicado pelo aumento no número de empresas que fizeram sua adesão. Em 1997 e, principalmente em 1998 e 1999, observa-se um decréscimo nos valores, que pode ser justificado pela recessão atravessada pelo país nesses anos, que ocasionou uma dificuldade generalizada das empresas, em gerar lucros econômicos.

A próxima Tabela 03 retrata o número de famílias que tem algumas necessidades, ajudadas através da EdC.

<sup>50</sup> Os valores em dólar foram calculados e convertidos com base na taxa de câmbio nominal (dólar comercial de venda do mês de dezembro de cada um dos respectivos anos, com exceção do ano 2002, onde foi utilizada a equivalência de US\$ 1,00 = R\$ 2,71, com base na cotação do início do ano em questão.

**Tabela 03 – Números de famílias ajudadas pela EdC de 1992 a 2001, em todo o mundo.**

<i>Continentes</i>	<i>1992</i>	<i>1993</i>	<i>1994</i>	<i>1995</i>	<i>1996</i>	<i>1997</i>	<i>1998</i>	<i>1999</i>	<i>2000</i>	<i>2001</i>
<b>Europa</b>	938	1.156	1.734	1.715	1.809	1.836	1.787	1.403	1.207	1.425
<b>Ásia</b>	448	625	920	955	983	976	974	954	897	1.401
<b>África</b>	1.306	933	984	1.194	1.265	1.367	1.394	1.926	6.184	6.182
<b>América</b>	1.752	1.792	1.806	1.949	2.457	2.434	2.258	2.354	2.518	2.645
<b>Ásia</b>	-	28	30	35	53	53	53	35	24	24
<b>Total</b>	<b>4.444</b>	<b>4.894</b>	<b>5.474</b>	<b>5.848</b>	<b>6.567</b>	<b>6.666</b>	<b>6.466</b>	<b>6.672</b>	<b>10.830</b>	<b>11.677</b>

\*Fonte: Comissão Mundial da Economia de Comunhão – Roma/Itália

Fazendo um comparativo da Tabela 01 com a Tabela 03, é possível perceber que, embora nas regiões mais desenvolvidas, como Europa e América, possa existir um maior número de empresas, são os países mais pobres ou subdesenvolvidos, como os africanos, que recebem mais ajuda por possuírem mais necessidades<sup>51</sup>.

Em todo o mundo as ajudas concedidas a essas famílias são alocadas conforme as necessidades<sup>52</sup>. Também no Brasil é assim, conforme mostra a Tabela 04:

<sup>51</sup> Também nessa particularidade está presente a essência da EdC, que por ser um Projeto de âmbito mundial, assim como o Movimento dos Focolares, atende os necessitados de todas as nações, independente dos recursos terem sido originados nos limites dos mesmos, através de uma Secretaria única, atualmente localizada em Roma/Itália.

<sup>52</sup> O repasse dessas ajudas é feito por Secretarias Regionais ligadas a Secretaria Mundial em Roma, por enquanto apenas no âmbito dos integrantes, simpatizantes e/ou ligados de alguma maneira ao Movimento dos Focolares. No entanto, a idéia, conforme já foi explicitado, é atingir os necessitados de maneira geral.

**Tabela 04 – Valores das ajudas concedidas pela EdC as famílias necessitadas, por regiões do Brasil, durante o ano de 2001. Valores em R\$1,00.**

<b>CUSTEIO DE:</b>	<b>M.</b>	<b>NORDESTE</b>	<b>SUDESTE</b>	<b>SUL</b>	<b>NORTE</b>	<b>TOTAL</b>
	<b>GINETTA</b>					
<b>Alimentação</b>	7.802,80	135.604,00	61.827,10	61.823,60	227.238,00	<b>494.295,50</b>
<b>Escola</b>	1.800,00	33.465,00	48.989,04	18.543,48	27.976,00	<b>130.773,52</b>
<b>Assistência médico-hospitalar</b>	15.385,00	14.519,00	28.359,15	25.498,00	9.395,00.	<b>83.761,15</b>
<b>Assistência Odontológica</b>	-	2.550,00	1.598,65	1.231,00	-	<b>5.379,65</b>
<b>Medicamentos</b>	1.879,91	24.821,00	5.349,00	7.188,00	510,00	<b>39.747,91</b>
<b>Aluguel moradia</b>	6.254,40	9.615,59	7.337,33	6.230,00	3.220,00	<b>32.657,32</b>
<b>Construção/reforma casa</b>	17.023,24	300,00	9.610,15	5.853,00	4.000,00	<b>36.786,39</b>
<b>Outros</b>	2.951,10	652,00	-	-	2.994,00	<b>6.597,10</b>
<b>TOTAL</b>	<b>53.096,45</b>	<b>221.526,59</b>	<b>163.070,42</b>	<b>126.367,08</b>	<b>265.938,00</b>	<b>829.998,54</b>

\*Fonte: Escritório Central da EdC – São Paulo/Brasil

Obviamente a maior parte do dinheiro é gasto em alimentação, principalmente nas regiões economicamente menos favorecidas, como o Norte e o Nordeste brasileiro.

Com os dados apresentados nessa seção observa-se que a EdC teve em todos os sentidos um bom crescimento, embora este seja ainda bem inespécível em termos quantitativos.

### **3.5 Exemplos concretos de Empresas que aderiram ao Projeto EdC**

Para exemplificar de maneira mais concreta tudo que foi argumentado, foram escolhidas 05 (cinco) empresas que aderiram a EdC no Brasil para uma breve investigação de como procuram atuar em seu próprio setor à luz da EdC. É de particular importância salientar que estes exemplos servem apenas de ilustração e não de base para este trabalho, tendo em vista a reduzida amostra.

### **3.5.1 Eco-Ar – Indústria e Comércio Ltda.**

Endereço: Estrada Água Espreada, 5496 – Aguassi – Cotia/SP

Ramo de atividade: Indústria de produtos de limpeza, constituída em 31 de março de 1995, com a intenção de aderir a EdC.

#### ***Informações adicionais:***<sup>53</sup>

- Visar o lucro, mantendo a pessoa no centro do projeto, e não o capital;
- Ter um relacionamento transparente com clientes, fornecedores, funcionários, etc;
- Ética – respeitar as leis, especialmente aquelas referentes ao próprio setor;
- Ressaltar a saúde e o valor a vida. Respeitar as férias dos empresários e funcionários;
- Incentivar a formação e instrução – é importante o aprendizado constante;
- Manter a harmonia no ambiente de trabalho. É preciso sentir-se bem na empresa;
- Comunicação: clima de comunicação aberta, proporcionando troca de idéias entre dirigentes e trabalhadores;
- Direção de empresa: ter objetivos claros, recorrer a técnicas modernas, buscar um maior desenvolvimento e crescimento.

A Eco-Ar serve como um exemplo de empresa que se constituiu após o surgimento da EdC com o intuito de aderir ao Projeto.

### **3.5.2 Prodiel Farmacêutica Ltda.**

---

<sup>53</sup> Itens retirados da apresentação do “II Seminário de vendas realizado pela Eco-Ar”, em 1998. Ver Sebok, 1999:56-66.



Endereço: Rua Pará, 1834 – Portão – Curitiba/PR

Ramo de atividade: Empresa de comercialização e distribuição de produtos farmacêuticos, nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo, constituída em 01 de março de 1988 e aderiu a EdC em 1992.

***Informações adicionais:***

- Ao aderir ao Projeto, a empresa assumiu uma dimensão social, colocando como objetivo principal a comunhão mensal de parte de seus lucros, e redescobrando o trabalho como um instrumento de empenho social;
- Incentivou-se a criação de postos de trabalho;
- Paga integralmente os impostos e procura-se otimizar a organização interna com agilidade e eficiência;
- Procura difundir entre os funcionários, através de reuniões, as idéias da EdC;
- Procura estabelecer com todos, mesmo os concorrentes, os relacionamentos de colaboração, ao invés da concorrência inescrupulosa, mesmo as custas de uma redução nos lucros.

**3.5.3 La Tunica Confeccões Indústria e Comércio Ltda.**

Endereço: Estrada Água Espraiada, 5450 – Aguassáí – Cotia/SP

Ramo de atividade: Indústria de confecção de unissex e infantil, constituída em 1991, foi a primeira empresa a aderir ao Projeto Economia de Comunhão.

***Informações adicionais:***

- Mesmo diante de tantas adversidades, consegue colocar em prática as idéias da EdC, transformando a empresa em um lugar de encontro de fornecedores, clientes e funcionários, e esforçando-se para colocar o homem no centro da atividade econômica;

- Está bem presente, nas etapas do funcionamento da empresa a idéia de solidariedade e partilha de responsabilidades entre todos os funcionários;
- Como em outras empresas da EdC, na La Túnica, o lucro adquire um papel de prêmio na obtenção de um objetivo principal: valorizar o ser humano.

#### **3.5.4 Policlínica Ágape Ltda.**

Endereço: Rua José Manoel de Oliveira, 66 – Vargem Grande Paulista/SP

Ramo da atividade: Clínica Médica, Odontológica e Laboratorial, constituída em 1992, como resultado do imenso esforço e desejo de pessoas dispostas a construir uma nova prática de saúde.

*Informações adicionais:*

- Ao contrário de tantas outras empresas, o faturamento não é o principal parâmetro de avaliação dos resultados. No centro de tudo gira o homem e o atendimento de todas suas necessidades;
- Procura estabelecer bons relacionamentos com concorrentes, clientes e funcionários; com estes últimos através, inclusive, de um gerenciamento participativo, onde todos possuem ‘vez e voz’.

### **3.5.5 Espri S.A.**

Endereço: Estrada de Água Espraiada, 5450 – Aguassai – Cotia/SP

Ramo de atividade: Empresa de Empreendimentos, Serviços e Projetos Industriais, constituída em 1993.

*Informações adicionais:*

- Surge com o objetivo de implantar e desenvolver o Pólo Empresarial Spartaco – espaço econômico e produtivo, localizado em Cotia/SP, que congrega algumas empresas de pequeno e médio porte inspiradas na Projeto Economia de Comunhão
- Sua criação é originada da necessidade de expandir as possibilidades de participação dos interessados em contribuir para a viabilização das idéias que norteiam a EdC;
- Possui capital originado da subscrição de ações por pessoas de diversas partes do mundo.

## 4. Conclusão

O presente trabalho nasceu da idéia de apresentar o Projeto Economia de Comunhão como uma alternativa válida e possível, capaz de exemplificar de maneira concreta – mesmo que, ainda de reduzida abrangência, que um comportamento que vise o bem-estar do homem conjuntamente com o da sociedade, pode sobreviver dentro de um sistema movido pelo auto-interesse.

Sem se deter especificamente a um aspecto micro e/ou macroeconômico, procurou mostrar também, de forma genérica, algumas visões a respeito do comportamento da principal peça do funcionamento do Sistema Econômico: o ser humano.

Na retrospectiva de parte da História do Pensamento Econômico é possível observar que o homem – com seus anseios, comportamentos e necessidades – desde os primórdios age em busca da sua satisfação pessoal, quer esta conduza ao bem de um todo, quer não. Para Smith, por exemplo, esse esforço do homem em seu próprio benefício levaria a obtenção de benefícios para toda sociedade. Já para Bentham o homem vive em busca da sua própria felicidade e esta, uma vez alcançada, conduziria a todos a felicidade.

Observa-se também, que idéias de estudiosos como Amartya Sen, poderiam alicerçar a construção de um modelo teórico capaz de explicar o comportamento individual motivado pelo bem-estar de toda a sociedade.

A realização de cada ser, está imersa nas raízes de sua própria essência, embora tantas vezes seja mascarada e até mesmo, parcialmente, substituída por outros valores.

As empresas da EdC são exemplos, de que existe uma possibilidade de agregar, dentro do mesmo sistema, objetivos que vão além da maximização dos lucros - porém sem excluí-los – e alcançar uma situação de bem-estar para toda sociedade.

Tendo como um dos seus principais aspectos a solidariedade, as empresas da EdC buscam atingir um crescimento que não objetiva, pura e simplesmente, o lucro como recompensa, mas sim uma contribuição para o bem-estar de todos, através, por exemplo, da divisão dos lucros, praticada livremente a partir da consciência de cada um.

O Projeto Economia de Comunhão é uma proposta que vem expandindo-se em diversas partes do mundo, ganhando cada vez mais adeptos interessados em contribuir para seu crescimento, de alguma maneira.

Para finalizar, fica a sugestão e desejo da continuidade do estudo deste tema, buscando uma maior compreensão das propostas da EdC, sob diversos aspectos do ponto de vista micro e/ou macroeconômico e seus impactos na Ciência Econômica e, sobretudo, na vida de homens e mulheres excluídos pela ambição sem limites, que caracteriza o modo de produção hoje dominante no mundo.

## Referências Bibliográficas

ARAÚJO, V. “Economia de Comunhão e Comportamentos Sociais” In: *Economia de Comunhão: projetos, reflexões e propostas para uma cultura da partilha*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP, 1998: 7-20.

ARAÚJO, V. “Doutrina Social da Igreja e Economia de Comunhão” In: *Cadernos de Humanidade Nova*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP: 1992: 35-55.

BARAÚNA, M. “Economia de Comunhão: uma experiência peculiar de economia solidária”. In: SINGER, P. & SOUZA, A.R. (organizadores). *A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. Editora Contexto, São Paulo: 2000: 333-351.

BARBACOVI, L. J. “Economia de Comunhão: um projeto de inspiração cristã”. In: *Anais do Bureau Internacional da Economia e do Trabalho*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP: 2000: 115-124.

BENTHAM, J. “Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação”. In: *Os Pensadores/Bentham*. Editora Abril Cultural, São Paulo: 1979: 2-68.

BRUNI, L. “Para uma Economia de Comunhão: ‘coisas antigas e coisas novas’”. In: *Anais do Bureau Internacional da Economia e do Trabalho*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP: 2000: 45-57.

BUONOMO, V. “A Economia de Comunhão: um caminho para a unidade dos povos” In: *Cadernos de Humanidade Nova*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP: 1992: 143-159.

FERRUCCI, A. “Considerações Sobre a Economia de Comunhão” In: *Economia de Comunhão: projetos, reflexões e propostas para uma cultura da partilha*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP, 1998: 69-92.

FERRUCCI, A. “Neoliberalismo, desenvolvimento sustentável e Economia de Comunhão” In: *Anais do Bureau Internacional da Economia e do Trabalho*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP: 2000: 2432.

FILHO, F. A. A. “Economia de Comunhão e a modernidade: uma demarcação teórico-prática”. In: *Anais do Bureau Internacional da Economia e do Trabalho*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP: 2000: 108-114.

FUSFELD, D. *A Era do Economista*. Tradução: Fábio D. Waltenberg. Editora Saraiva, São Paulo: 2001.

GUI, B. “Empresa e Economia de Comunhão: algumas reflexões” In: *Economia de Comunhão: projetos, reflexões e propostas para uma cultura da partilha*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP, 1998: 93-106.

GUI, B. “Os bens indivisíveis à Economia de hoje”. In: *Anais do Bureau Internacional da Economia e do Trabalho*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP: 2000: 58-66.

MARX, K. “O Capital”. In: CARNEIRO, R. (organizador). *Os clássicos da Economia*. Volume 1. Editora Ática, São Paulo: 1997:103-148.

HAYEK, F. A. “Economia e Conhecimento”. In: CARNEIRO, R. (organizador). *Os clássicos da Economia*. Volume 2. Editora Ática, São Paulo: 1997: 184-206.

LUBICH, C. “O Movimento dos Focolares e a Economia de Comunhão” In: *Anais do Bureau Internacional da Economia e do Trabalho*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP: 2000: 9-19.

MILL, J. S. “Da definição de Economia Política e do Método de Investigação” In: *Os Pensadores/Mill*. Editora Abril Cultural, São Paulo: 1979: 297-321.

NAPOLEONI, C. *Smith, Ricardo, Marx: considerações sobre a história do pensamento econômico*. Tradução: José de Fernandes. Edições Graal, Rio de Janeiro: 1985.

OSER, J. & BLANCHFIELD, W. *História do Pensamento Econômico*. Editora Atlas, São Paulo: 1987.

QUARTANA, P. “A Economia de Comunhão no pensamento de Chiara Lubich”. In: *Cadernos Humanidade Nova*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP: 1992: 11-22.

ROSSÉ, G. “O Ensino Bíblico, pressuposto da Economia de Comunhão” In: *Cadernos Humanidade Nova*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP: 1992:23-33.

SEBOK, Pauline (1999). “Economia de Comunhão: Uma Proposta Inovadora de Comportamento Econômico”. Monografia de Graduação da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. Está disponível na internet na página: <http://www.ecodicom.com/tesi99.html>

SEN, A.K. *Sobre Ética e Economia*. Tradução: Laura Teixeira Motta. Editora Companhia das Letras, São Paulo: 1999.

SMITH, A. “A Riqueza das Nações: Investigação sobre sua natureza e suas causas.” In: CARNEIRO, R. (organizador). *Os clássicos da Economia*. Volume 1. Editora Ática, São Paulo: 1997: 24-53.

SMITH, A. *Teoria dos Sentimentos Morais*. Tradução: Lya Luft. Editora Martins Fontes, São Paulo: 1999.

SORGI, T. “Economia de Comunhão e Comportamentos Econômicos”. In: *Economia de Comunhão: projetos, reflexões e propostas para uma cultura da partilha*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP, 1998: 31-68.

SUPLEMENTOS DA REVISTA CIDADE NOVA. Anos: I, II e III; Volumes:

THIEMER, S. “Economia de Comunhão: um modelo para a sociedade”. In: *Anais do Bureau Internacional da Economia e do Trabalho*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP: 2000: 100-107.

ZAPPALÀ, R. “Comunismo, capitalismo, comunhão”. In: *Cadernos Humanidade Nova*. Editora Cidade Nova, Vargem Grande Paulista/SP: 1992: 95-143.